

## **“Mulheres de ferro”: revolucionárias feministas na China do século XX**

Christine Rufino Dabat<sup>1</sup>

Frente aos embates atuais entre duas superpotências - os Estados Unidos e a China - o próprio movimento revolucionário chinês recua na atenção, quanto mais a temática da participação de revolucionárias feministas. Ela responde, no entanto, a uma inquietação das gerações mais jovens. A participação das mulheres – a ‘metade do céu’, segundo a nomenclatura maoísta – na revolução chinesa é incontestável e reconhecida,<sup>2</sup> embora menos conhecida talvez seja sua dimensão feminista.

Já no final do século XIX, as preocupações das feministas chinesas da época vitoriana tinham aspectos similares àsquelas de suas contemporâneas na Europa e nos Estados Unidos, com movimentos em grande expansão, seja na dimensão do sufrágio, seja no movimento operário. Mas, sob o ângulo das circunstâncias concretas deste engajamento, havia grandes diferenças. Com efeito, a realidade que enfrentavam e queriam mudar na China era incomensuravelmente mais adversa, em termos da situação semi-colonial do país e da condição da metade feminina de sua população.

Nos tempos atuais, no entanto, os movimentos feministas da China e do Ocidente voltam a ter pontos de convergência, na sua diversidade, criatividade e espectro de assuntos vislumbrados. Isto constitui a prova do sucesso das ‘mulheres de ferro’ chinesas que as antecederam. Sua competência, indefectível esperança e coragem permitiram a suas contemporâneas, e mais ainda, às filhas e netas destas, alcançar o nível em que as chinesas estão atualmente, enfrentando novos desafios e até mesmo alguns antigos que temem em se repetir.

Como o disse Anna Louise Strong, sublinhando a importância das mulheres nas revoluções que ela testemunhara, inclusive na China, “*não somente as mudanças eram mais dramáticas para as mulheres, mas muito do que acontecia de positivo no mundo era devido à eficácia, tenacidade e inteligência de mulheres*”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora no Departamento de História da UFPE. Texto oriundo de participação em mesa redonda no 1º Conferência Internacional de Estudos Críticos Asiáticos. São Paulo, USP, 22-25.11. 2016. Agradeço à organizadora do evento, Andrea Longobardi, por ter sugerido a temática e ao Prof. Tiago Bernardon pelos encorajamentos a publicar este trabalho. Agradeço também as correções e sugestões cuidadosas dos pareceristas.

<sup>2</sup> O sinólogo Prof. Billeter, do qual fui aluna e orientanda na Universidade de Genebra, me fez a honra de escrever o prefácio de: *Mulheres no movimento revolucionário chinês (1839-1949)*. Recife: EDUFPE, 2006.

<sup>3</sup> STRONG, Tracy B. & KEYSSAR, Helen. *Right in her Soul. The life of Anna Louise Strong*. New York: Random House, 1983, p. 115.

O destino de várias personalidades ilustra esta asserção. Como todas agiam em várias frentes, com responsabilidades importantes, não seria possível evocar, mesmo sucintamente, tudo o que cada uma empreendeu. Por isto, colocar-se-á em evidência apenas uma destas diversas atividades para cada uma, mostrando desafios e riscos enfrentados, pois todas sofreram exílio ou prisão e duas foram executadas por suas atividades militantes.

Poderia se distinguir quatro áreas principais de atividade nas quais todas elas se ilustraram:

1. A invenção de uma nova forma de ser mulher frente ao pesado modelo confuciano e propostas para se libertarem dos padrões da antiga sociedade, é representada por Qiu Jin (1875-1907) que pagou com a própria vida seu engajamento nacionalista, mas também social e feminista;

2. A mobilização das trabalhadoras em movimentos, sindicatos, uniões, será ilustrada por Xiang Jingyu, pioneira, do lado comunista, destes esforços e mártir da revolução;

3. A defesa dos direitos humanos e ação incansável nos socorros a refugiados e nas atividades humanitárias podem ser encarnadas por Song Qingling, fiel ao legado político de seu esposo Sun Yat Sen;

4. A atividade de militante dentro do Partido Comunista Chinês (PCC), em particular nas áreas rurais, e na dimensão artística, é representada pela escritora Ding Ling. Seu grande talento e forte voz enquanto mulher dentro do partido causaram-lhe desavenças com a direção em vários momentos de sua longa vida.

Elas representam muitas outras mulheres, famosas ou não, de todas as classes sociais e idades, dirigentes ou militantes do Guomindang (partido nacionalista) de esquerda ou do PCC, que enfrentaram tanto os costumes ancestrais quanto os inimigos estrangeiros e interiores para afirmar sua dedicação à construção de uma sociedade mais justa para todos, inclusive as mulheres: a anarquista He Zhen, Deng Yinchao e He Xiangning, as duas últimas ocupando, como Soong Qingling, altos cargos na República Popular da China. Também são lembradas a camponesa Gold Flower, cuja biografia integra o livro de Jack Belden, *China Shakes the World*,<sup>4</sup> assim como outras moças ou senhoras imortalizadas pelas obras de outras mulheres feministas, estrangeiras, como Anna Louise Strong, Agnes Smedley e Ruth Weiss que se engajaram na luta do povo chinês. Seus escritos enquanto jornalistas mencionam com destaque a parte feminina da população que sua sensibilidade permitia entender para além das diferenças de nacionalidade e cultura.

Pois, havia uma dimensão internacionalista no movimento revolucionário – na China como alhures – inclusive entre as mulheres.<sup>5</sup> Da mesma

---

<sup>4</sup> BELDEN, Jack. *China shakes the world*. Harmondsworth: Pelican, 1973.

<sup>5</sup> Muitas delas, chinesas e estrangeiras, se conheciam e trabalhavam juntas. Nos eventos perigosos

forma que houve “médicos espanhóis”<sup>6</sup> ou indianos, canadense, ou sírio-americano ao lado das forças revolucionárias chinesas,<sup>7</sup> feministas de vários países dedicaram suas vidas à causa. Acompanhando e defendendo, por meio de seus escritos, a luta e causa do povo chinês, como seus colegas masculinos, elas informavam o público ocidental sobre seu árduo percurso nos tempos difíceis do século XX.

### **Revolucionárias feministas na China**

As revolucionárias feministas enfrentaram uma situação com traços peculiares que complicavam o propósito de transformar a sociedade chinesa, e dentro dela, a condição das mulheres, sobretudo aquelas das classes trabalhadoras da cidade e do campo.

Pois, além da sociedade de classe patriarcal capitalista, comum ao Ocidente, elas se deparavam com a ideologia confuciana que abrangia todos os aspectos da vida, dos grandes princípios até os mínimos detalhes. Este fato lhes possibilitava aliança com os homens jovens, também oprimidos - embora de forma passageira. Formidáveis sobrevivências ideológicas, disfarçadas ou não, ressurgiram mesmo depois da tomada do poder pelo Partido Comunista Chinês, e em certos casos, até hoje. Algo como o fenômeno dos traços cristãos anti-femininos da cultura ocidental que teimam em reaparecer no século XXI, mesmo na França de tradição anticlerical.

Outro aspecto decisivo que condicionou e impactou consideravelmente a participação e liderança feminina na luta de todo um povo foram as condições muito conturbadas do tempo histórico que os chineses chamam de “tempo da humilhação”: das guerras do ópio (metade do século XIX) até 1949. A vida mesma das chinesas e dos chineses estava constantemente ameaçada por catástrofes naturais e humanas, guerras e fomes, epidemias e massacres da repressão dos exércitos imperiais ou senhores da guerra e Guomindang, passando pelas atrocidades das tropas japonesas.

As condições mínimas de sobrevivência não eram asseguradas. Um relatório da Sociedade das Nações, no final dos anos 1930s, desesperava da possibilidade de melhorar a condição do povo chinês. A expectativa de vida não passava de 30 anos. A repressão política, do chefe local aos exércitos invasores,

---

e exaltantes das quais foram testemunhas e participantes, manifestaram muita solidariedade e amizade. Song Qingling providenciava os chocolates favoritos de Anna Louise Strong nas situações mais impossíveis, e esta a acolheu, com Alexandra Kollontai, em Moscou quando sua permanência em Wuhan havia se tornado insustentável em razão da contrarrevolução de Chiang Kaishek; naquela época, Song Qingling e Agnes Smedley juntaram seus esforços para soltar Ding Ling do cárcere político. Seus escritos constituem, junto com aqueles de outras testemunhas (Belden, Snow, Epstein, Isaacs), as fontes principais do presente artigo.

<sup>6</sup> De várias nacionalidades, engajados na Guerra Civil Espanhola do lado republicano, foram servir na China após 1939.

<sup>7</sup> Drs. Kotmis, Norman Béthune e Georges Hatem.

causava outras perdas, às vezes eminentes, mas ocultadas no meio ao horror geral, como durante a Segunda Guerra Mundial, ou silenciadas por medo.

As feministas revolucionárias chinesas ou que foram para a China no século XX ficaram na mesma corda bamba que suas correligionárias na Europa e nos Estados Unidos. Nas suas vidas como militantes e no âmbito pessoal era muito difícil lutar pelas mulheres e enquanto mulher, mas também para uma mudança revolucionária. Isto é, propor uma sociedade que permitisse resolver os principais problemas das populações sem prescindir daqueles específicos às mulheres, sobretudo às trabalhadoras, no caso, às camponesas. Pois a sociedade chinesa tradicional, particularmente rural, era ferozmente anti-feminista.

Às mulheres eram reconhecidos poucas capacidades e direitos. Apenas nas classes dominantes e alcançando idade avançada, elas poderiam eventualmente gozar de alguma autoridade, enquanto viúvas, sobre seus filhos e, sobretudo, suas noras, no âmbito doméstico.

A sorte comum era uma miséria absoluta. A simples sobrevivência era um desafio imenso para a maioria, sobretudo no campo. E para a metade feminina da população, mutilada desde a mais tenra idade, com os pés atados, a situação era pior ainda. Se na China antiga não havia garantias para as camponesas, no século da humilhação a situação piorou na medida em que as investidas coloniais tenderam ao desmonte da estrutura tradicional particularmente estatal, e da economia, bem como das antigas redes de solidariedade dentro dos clãs, em virtude das quais as elites – senhores de terra e mandarins – deviam socorrer seus vizinhos ou parentes necessitados.

Um dos elementos complicadores foi mais de um século de estado de guerra ininterrupto: guerras estrangeiras ou civis; locais ou generalizadas; levantes populares e consecutiva devastadora repressão; guerras entre senhores da guerra rivais; guerrilha/guerra moderna com horrores e destruições habituais; durante a Segunda Guerra Mundial (iniciada na Manchúria em 1931 e em 1937 na China propriamente dita), contra um invasor japonês aliado dos nazistas e proclamando similar ideologia racista; por fim, a subsequente guerra civil contra as forças de Chiang Kaishek (apoiado pelos Estados Unidos).

As vítimas desses cataclismos humanos e naturais se contavam, muitas vezes, em centenas de milhares, outras em milhões, seja em consequência da contrarrevolução, das guerras civis, dos ataques do inimigo estrangeiro (Japão) ou das grandes fomes desencadeadas/agravadas pelas secas, inundações, pragas e guerras: só para citar uns exemplos, Snow menciona de 5 a 6 milhões de vidas perdidas em 1928-31.<sup>8</sup> Entre muitos testemunhos não suspeitos de simpatias comunistas, Barbara Tuchman, na biografia do general americano Georges Stilwell, lista dois milhões de mortos por ocasião de uma enchente do Rio Azul,<sup>9</sup>

<sup>8</sup> SNOW, Edgar. *Red Star Over China*. Harmondsworth: Penguin, 1972 [1937], p. 247-8.

<sup>9</sup> TUCHMAN, Barbara W. *Stilwell and the American Experience in China, 1911-45*. New York: Bantam, 1980, p. 166.

na região mais rica do país. Esta miséria abissal era, então, a imagem de marca da China entre os países conquistadores. A vida do cidadão chinês não valia muita coisa sob a mira do proprietário fundiário e seus capangas, do senhor da guerra e seus homens, sob os bombardeios japoneses ou o fogo das tropas de Chiang Kaishek. A da chinesa, quase nada.

Essa sucessão de conflitos e a consecutiva desorganização profunda da economia deixaram a China esgotada no momento da proclamação da República Popular, em 1949. Até mesmo a Índia, recém liberta do julgo britânico, parecia rica em comparação.

No entanto, a libertação do território de vários inimigos, estrangeiro e interior, havia sido conseguida com ampla participação dos camponeses, inclusive de sua metade feminina, apesar de sua posição inferiorizada na sociedade tradicional. Zhu De (comandante em chefe do exército vermelho) contava a Agnes Smedley,<sup>10</sup> com muito carinho e respeito, a dura vida de sua mãe. A razão desta participação é que estas pessoas viram no movimento revolucionário uma possibilidade de mudança, inclusive nas dimensões que as afetavam enquanto mulheres, o que a autora menciona com certo lirismo:

Sobre o grande palco da História, no qual se encena a Revolução chinesa, a silhueta de uma mulher surge incessantemente. À primeira vista, ela parece frágil e suas mãos são tão delicadas quanto as de uma criança; mas assim que a imagem se torna mais precisa, distingue-se um corpo esbelto, esguio, mas sólido; com as mãos translúcidas de tanto trabalhar; os cabelos macios e negros, tão doces quanto uma noite de verão. Às vezes, são cortados como os de um rapaz, ou longos e amarrados no pescoço. A silhueta está, às vezes, vestida com o uniforme militar; às vezes, com as calças e a blusa de algodão desbotado de uma mulher do povo; ou ainda com a elegante túnica de seda de uma dama das classes dominantes.<sup>11</sup>

Estas mulheres lutaram, junto com seus companheiros, por direitos básicos: a vida, a integridade física, a educação pois não lhes eram assegurados na sociedade tradicional. Tampouco os direitos da democracia burguesa: o voto, a propriedade e a livre circulação. Com efeito, a ideologia confuciana valorizava apenas a metade masculina da população. As meninas nem gozavam de integridade física – diferentemente de seus irmãos – na medida em que o costume de mutilá-las com a atadura dos pés fora mantido nas várias classes sociais.

### Qiu Jin (1875-1907)

Na mobilização nacional contra a dinastia Qing e as potências estrangeiras, Qiu Jin, esposa e mãe, levou 14 anos “*para se construir para si*

<sup>10</sup> SMEDLEY, Agnes. *La longue marche. Mémoires du maréchal Chu Teh*. Paris: Imprimerie Nationale, 1969.

<sup>11</sup> SMEDLEY, Agnes. *Portraits of Chinese Women in Revolution*. New York: Feminist Press, 1976, p. 4-5.

*própria a autonomia intelectual suficiente para poder voar com as próprias asas.*”<sup>12</sup> Exilada no Japão, criou a primeira associação de mulheres chinesas *Gonghai Hui*, com objetivos políticos nacionalistas e pleiteando o acesso à educação e formação profissional. Oradora e debatedora apreciada, ela compôs um romance inacabado, *Pedras do Pássaro Jingwei*.<sup>13</sup> Em Xangai, fundara o *Jornal da mulher chinesa*. Além de Rousseau, Stuart Mill, Montesquieu e Darwin, lia obras de anarquistas russos, prezando métodos diretos de ação política, às vezes, violentos. Ela admirava Sofia Perovskaia, executada pela sua participação no atentado que matou Alexandre II. Qiu Jin promoveu também ação nacionalista clandestina “com suas próprias forças armadas”.<sup>14</sup> Afirmava-se defensora da via revolucionária contra os reformistas, pois não enxergava um futuro para seu país sob a tutela imperial. Como Sun Yat Sen, com o qual trabalhava politicamente, defendia mudanças sociais profundas, sob o lema dos três princípios do povo, retomado pelo Guomindang: nacionalismo (“expulsar os manchus e levantar a China”); democracia (“fundar uma república”); e bem estar do povo (“tornar igual o direito à propriedade da terra”).<sup>15</sup> Coordenava vários grupos revolucionários anti-manchus esparsos na província do Zhejiang.

Nos seus escritos, Qiu Jin exemplificava as principais frentes em que era preciso lutar. Defendia a necessidade de promulgar a igualdade de direito entre os sexos e combater a atadura dos pés das meninas. Outro aspecto fundamental (para os jovens homens também) era a liberdade de contratar ou não um casamento, e a escolha livre do parceiro. Para tanto, era preciso incentivar a qualificação profissional para viabilizar a independência econômica das mulheres. Criticava o conformismo das próprias: “*Em vez de se rebelar contra sua condição, elas estão contentes consigo mesmas e aceitam serem escravas de seus maridos e filhos.*”<sup>16</sup>

No ano em que Qiu Jin foi executada por rebelião contra o império, He-Yin Zhen escrevia “Sobre a questão da liberação das mulheres”, lamentando que “*durante milhares de anos, o mundo foi dominado pela vontade do homem. Esta é marcada por distinções de classe*”. Propunha introduzir “a igualdade entre seres humanos, o que quer dizer que o mundo tem que pertencer igualmente para homens e mulheres. E este objetivo de igualdade só pode ser alcançado pela libertação das mulheres”<sup>17</sup> e a abolição da propriedade privada.

<sup>12</sup> GIPOULON Catherine. L' "intellectuel" au féminin : féminisme et révolution en Chine au début du XXe siècle. In: Extrême-Orient, Extrême-Occident, 1984, n°4. Du lettré à l'intellectuel : la relation au politique, p. 160.

<sup>13</sup> GIPOULON, Catherine. *QIU JIN. Pierres de l'oiseau Jingwei*. Femme et révolutionnaire en Chine au XIXe siècle. Paris: Des femmes, 1976.

<sup>14</sup> SOONG Ching-ling. *Struggle for New China*. Peking: FLP, 1953, p. 151.

<sup>15</sup> BODARD, Lucien. *Les grandes murailles*. Paris : Grasset, 1987, p. 261.

<sup>16</sup> GIPOULON, QIU JIN. Op. cit., p. 128.

<sup>17</sup> LIU, Lydia H., KARL, Rebecca E. & KO, Dorothy Ko [ed.]. *The Birth of Chinese Feminism: Essential Texts in Transnational Theory*. New York: Columbia University Press, 2013.

A questão da educação das meninas, um dos pontos-chave da visão e prática de Qiu Jin, conhecia então muitos debates: desde a versão edulcorada proposta pelos missionários, até as tímidas medidas adotadas no mesmo ano pelo império.<sup>18</sup> O movimento de 4 de maio 1919 acelerou as mudanças, inclusive para as mulheres. Embora de propósito patriótico, as correntes nacionalistas e revolucionárias, inclusive marxistas, juntaram-se na luta anti-confuciana. A igualdade de direitos para as mulheres se articulava assim com outras reivindicações difundidas e defendidas por grupos de estudantes de ambos os sexos. Eles se dirigiam ao público feminino em geral, mobilizando-o de forma eficiente em duas frentes: igualdade e nacionalismo. Os grandes boicotes a empresas e mercadorias estrangeiras incitavam as donas de casa a comprar apenas produtos chineses.

Começaram a se associar as temáticas de liberdade de casamento, escolha do parceiro, recusa da concubinação até a reivindicação de reforma agrária. Mao teve um dos seus primeiros escritos publicado, em Changsha, a propósito do suicídio de Chao Wu-chieh que resistia a um casamento forçado, prática bastante difundida como resistência. Tais tragédias ecoavam, sem cessar, em jornais que tratavam, parcial ou exclusivamente, da ‘questão das mulheres’. Havia diversas tendências, das mais reformistas às mais radicais, algumas inspiradas pelo modelo liberal ocidental, outras orientadas pelo marxismo. Todas estavam, no entanto, de acordo para julgar que a condição das mulheres devia mudar consideravelmente.<sup>19</sup>

### **Movimento da juventude e movimento operário: Xiang Jingyu (1895-1928)**

No embalo destas mobilizações amplas, grupos de estudo e ação se organizaram coordenados pela Aliança dos Estudantes Unidos. Encontrando grande sucesso, constituíram uma verdadeira sementeira de uma geração de revolucionário/as, inclusive feministas.

Entre elas Xiang Jingyu, “*uma das figuras mais marcantes do feminismo revolucionário na China*”,<sup>20</sup> ela defendia que

A emancipação das mulheres pode acontecer apenas com mudança na estrutura social que liberte tanto os homens quanto as mulheres. (...) Como Qiu Jin, ela faz da libertação das mulheres um elemento essencial da libertação do país. Embora seu engajamento político fosse ao lado de homens no seio do PCC, ela considerava que as mulheres eram um grupo social oprimido ao mesmo título que a classe operária ou que as minorias

<sup>18</sup> GIPOULON, L' "intellectuel" au féminin. Op. Cit., p. 164.

<sup>19</sup> CHOW Tse-tung. *The May 4<sup>th</sup> Movement*. Standford: Univ. of Standford Press, 1967, p. 96-110.

<sup>20</sup> HUA Chang-ning. *La condition féminine et les communistes en action. Yanan 1935-46*. Paris: EHESS, 1981, p. 83.

nacionais, e propunha uma tripla aliança para se engajar no combate revolucionário.<sup>21</sup>

Casada com outro dirigente do PCC (ela era a única mulher no Comité Central nos anos 1920), eles “*anunciaram sua união sendo fotografados segurando juntos um exemplar O Capital de Marx*”.<sup>22</sup> O exemplo da URSS inspirava muitas de suas ações, já que era o

único país onde as mulheres haviam começado a realizar a igualdade e liberdade. A igualdade e liberdade que mulheres haviam alcançado sob a ditadura do proletariado em cinco anos era muito superior ao que elas haviam conseguido sob a ditadura da burguesia em um século.<sup>23</sup>

Xiang Jinyu atuava em várias frentes, mas dedicou-se (além de suas responsabilidades como mãe) às tarefas de propaganda e organização das operárias, trazendo “*uma nova dimensão para as atividades do partido e identificava outra fonte importante de apoio, uma vez que as mulheres (e crianças) trabalhadoras nas grandes fiações e tecelagens estavam entre os operários mais explorados da China*.”<sup>24</sup>

Apesar das tendências hagiográficas – aliás comuns a muitas das figuras aqui evocadas - Gipoulon mostra como Xiang Jinyu concebia a mobilização das mulheres, mesmo nas circunstâncias terríveis em que viviam, como uma formidável força para tirar o país da situação onde se encontrava. Nos artigos que ela escreveu no começo dos anos 1920, ela enfatizava a necessidade “*da participação das mulheres na revolução nacional*”.<sup>25</sup>

Xiang Jinyu alargava seu esforço de mobilização, além das operárias, até as adesões mais improváveis, como da fundadora da Sociedade Chinesa de Mulheres pela Temperança.<sup>26</sup>

Para ela, mulheres “*que lutam para sua liberação devem colocar o problema da desigualdade de todos os grupos sociais oprimidos em geral, à luz de todas as desigualdades das quais as mulheres são especificamente vítimas*”.<sup>27</sup> Precisavam “*se preparar para serem as dirigentes da revolução social*.”<sup>28</sup>

<sup>21</sup> GIPOULON, L' "intellectuel" au féminin. Op. cit., p. 170.

<sup>22</sup> SPENCE, Jonathan. *Em Busca Da China Moderna. Quatro séculos de história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 216 e LESCOT, Patrick, *O Império vermelho. A história de quatro militantes comunistas unidos pela paixão e pelo terror em Moscou e Pequim, 1919-1989*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 37.

<sup>23</sup> WILBUR, Clarence Martin. *Missionaries of Revolution: Soviet Advisers and Nationalist China 1920-27*. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 47.

<sup>24</sup> SPENCE, J. *Em Busca da China Moderna*. Op. cit., p. 317.

<sup>25</sup> GIPOULON, L' "intellectual" au féminin. Op. Cit., p. 112.

<sup>26</sup> GILMARTIN, Christina K. *Engendering the Chinese Revolution: Radical Women, Communist Politics, and Mass Movements in the 1920s*. Univ. of California Press, 1995, p. 128.

<sup>27</sup> GIPOULON, L' "intellectuel" au féminin. Op. Cit., p. 113.

<sup>28</sup> WITKE, Roxane. *Woman as Politician in China of the 1920's*. YOUNG, Marilyn B. Ed. *Women in China, Studies in Social Change and Feminism*. Ann Arbor: Univ. of Michigan, 1973, p. 43.

Este posicionamento não era aceito num período em que as feministas eram consideradas pelo Comintern e, portanto, pelo PCC, como pertencendo à “burguesia nacional”. Ora, a luta deveria ser liderada – literalmente – pelo proletariado urbano.<sup>29</sup> Tarefa que não era fácil, até mesmo para a entusiasta Ding Ling e suas colegas: *“Íamos de um grupo de operárias a outro, mas a discussão tornava-se difícil pelas diferenças de dialetos, e precisávamos, às vezes, de intérpretes. As operárias se surpreendiam por receber o apoio de estudantes e manifestavam muito interesse por nós.”*<sup>30</sup> Celebrava-se o 8 de março, desde 1924.

Cai Chang (1900-1990), a Rosa Luxemburgo chinesa,<sup>31</sup> cunhada de Xiang Juingyu, e Deng Yinchao (1904-1992), casada com Zhou Enlai, alta responsável do partido, eram também empenhadas nestas mobilizações nas cidades até a contrarrevolução. Elas continuaram nos soviets do Jiangxi e em Yanan, mobilizando doravante camponesas em vez de operárias, a questão da terra se tornando chave. Anna Louise Strong entrevistou muitas mulheres neste período e seu testemunho a fez se declarar feminista,<sup>32</sup> além de apoiar na União Soviética e na China, as tendências revolucionárias.

A partir dos anos 1920, o esforço para mobilizar também as mulheres do campo ocorreu nos primeiros soviets, de Hailufeng, do Jiangxi e em Yanan. Eles promoveram a reforma agrária, redução das dívidas e dos impostos; a emancipação das mulheres: o fim da tortura dos pés atados; a proibição do casamento forçado, do infanticídio, da venda de meninas às casas de prostituição. Instaurava-se também a possibilidade de se divorciar, inclusive à iniciativa das esposas; a abolição da tutela feroz dos sogros sobre as noras.

A oportunidade de existir social e politicamente encontrava-se na participação em Ligas e Associações de Mulheres. As reações surpreendiam os observadores. Assim, numa matéria intitulada “Uma Carta do Campo”:

As faixas foram arrancadas dos pés das meninas. Moças de cabelos curtos, movidas por uma energia que desafiava tudo, foram ao campo para acordar suas irmãs, e as libertar dos entraves que haviam pesado sobre gerações inteiras (...). ‘Nos meus 80 anos de vida, nunca vi uma mulher como você, com dois pés tão grandes, sem coque e vestida com o uniforme militar’, disse uma velha chinesa para uma dessas propagandistas. A moça escreveu: ‘Uma vez, enquanto estava escrevendo sentada na grama, numerosas mulheres vieram até mim. Deixei de escrever para falar-lhes da ‘emancipação dos pés’. Então uma velha comadre com ‘lótus de ouro’ de três polegares de cumprimento me disse: ‘Você tem pés tão grandes! Você não confunde os sapatos com seu ‘velho patrão’ (marido)?’ Um camarada aconselhou-as a cortarem seus cabelos. Ele falou: ‘Se vocês cortarem seus

<sup>29</sup> GIPOULON, L' "intellectual" au féminin. Op. Cit., p. 120.

<sup>30</sup> ROWBOTHAM, Sheila. *Women: Resistance and Revolution*. London: Allen Lane, 1972, p. 182.

<sup>31</sup> LEITH, Suzette. *Chinese Women in the Early Communist Movement*. YOUNG, Marilyn B. Ed. *Women in China, Studies in Social Change and Feminism*. Ann Arbor: Univ. Michigan Press, 1973, p. 58- 60.

<sup>32</sup> STRONG, & KEYSSAR. Op. cit., p. 181.

cabelos, os seus ‘velhos patrões’ não poderão mais agarrar vocês para as surrarem.’ ‘Claro!’, responderam. ‘E se tivéssemos pés grandes, seríamos nós quem os surrariam!’<sup>33</sup>

### Contrarrevolução

A repressão exercida pelas forças reacionárias visava, com particular sadismo, as militantes. Na esteira da traição de Chiang Kaishek, em 1927, foram mortas por volta de 40.000 pessoas,<sup>34</sup> sendo “*mais de 1.000 dirigentes mulheres durante o Terror Branco*”.<sup>35</sup> Em Cantão, o correspondente do *Ta Kung Pao* viu mulheres comunistas embrulhadas em cobertores, ensopados com gasolina e queimadas vivas.

Os soldados prendem todas as mulheres que têm cabelos curtos, esse corte sendo considerado uma marca de radicalismo suficiente para designar suas portadoras à vindita. Centenas de moças foram mortas de diversas maneiras, após terem sido submetidas a horrorosas sevícias.<sup>36</sup>

Quase sempre, eram estupradas antes de assassinadas, ou empaladas vivas em lanças, como a funcionária do Consulado da URSS. Horrores repetidos por ocasião da invasão japonesa. O grande escritor Lu Xun indignou-se:

Os jornais relatam o fato seguinte: num certo lugar, havia se encorajado as moças a cortarem o cabelo; então, outro exército chegou e, às moças que tinham cabelos curtos, arrancavam-lhes, mas lentamente. Ainda por cima, cortavam-lhes os seios. (...) Em boa lógica, se as mulheres de cabelo curto cometem o delito de apagar a diferença entre homens e mulheres, os seios naturais, que sublinham essa diferença, deveriam ser um mérito. Mas nesse mundo há muitas coisas que não podem se acertar com argumentos e precisam de uma ordem promulgada de cima para baixo. Até mesmo imposta pela espada. Por falta de resposta a essa pergunta, ao crime ‘cabelos curtos’ acrescentar-se-á o ‘crime dos seios naturais’, ou mesmo – quem sabe – o ‘crime dos pés naturais’. Ah! As mulheres têm no seu corpo tantas partes especiais capazes de tornar-lhes a vida penosa. Ô quanto.<sup>37</sup>

Entre as vítimas, Li Dazhao, introdutor do marxismo na China, e sua filha Phyllis Li, de 17 anos de idade, morta após ter sido torturada durante três dias e noites; Yang Kaihui (executada por garrote, como Li Dazhao<sup>38</sup>), a esposa de Mao Zedong; e sua irmã, Mao Zehong; a esposa de Zhu De, Wu Rolan, e Xiang Jingyu. Presa pelas autoridades da concessão francesa de Xangai, em abril de 1928, ela

---

<sup>33</sup> *People's Tribune* 22.06.1927. Apud ISAACS, Harold. *La Tragédie de la Révolution chinoise 1925-27*. Paris: Gallimard, 1967, p. 271-2.

<sup>34</sup> STRONG & KEYSSAR. Op. cit., p. 175.

<sup>35</sup> MACGREGOR-HASTIE, Roy. *Mao Tse-tung*. Barcelona: Labor, 1967, p. 137.

<sup>36</sup> ISAACS, H. *La Tragédie de la Révolution chinoise 1925-27*. Op. cit., p. 347.

<sup>37</sup> LOI, Michèle, Ed. *Luxun. La vie et la mort injustes des femmes. Anthologie*. Paris: Mercure de France, 1985, p. 252-254.

<sup>38</sup> MACGREGOR-HASTIE. *Mao Tse-tung*. Op. cit., p. 104.

foi entregue às autoridades chinesas e executada em 01.05.1928. “*Grande número de trabalhadores acompanharam-na ao local de execução, onde ela fez um discurso, e gritou palavras de ordem antes de ser fuzilada.*”<sup>39</sup> Não há como medir a amplitude da repressão, no campo e nas cidades. Testemunhos contam as atrocidades a nível local. “*Cerca de 6 mil mulheres adolescentes, esposas e filhas de trabalhadores, foram vendidas a bordéis e fábricas de Xangai.*”<sup>40</sup> As organizações de mulheres, mesmo aquelas do partido nacionalista, foram desmanteladas. Entre as dirigentes não-comunistas, He Xiangning e Song Qingling salvaram-se apenas ao se refugiarem no exterior.

### **Song Qinqing (1892-1981)**

Ativista política, Song Qinqing escreveu:

Uma das principais tarefas da revolução na China é a emancipação de mais de 200 milhões de mulheres da servidão de ideias e costumes sociais semi-feudais e medievais. Enquanto essa grande massa humana não for libertada, nenhuma mudança revolucionária real será possível, não apenas nas instituições do país, mas também na vida em geral e no pensamento no povo.<sup>41</sup>

Casada com Sun Yat Sen em 1914, ela trabalhou com o fundador da República. Após sua morte, foi eleita no Comitê Executivo do Guomindang, entre outros cargos. Mas após o golpe de Chiang Kaishek, e apesar de diversas pressões, ela permaneceu na ala esquerda do partido fundado por seu marido, continuando sua política de aliança com o PCC.

Song Qinqing se tornou o modelo mais importante para jovens mulheres que tentavam se emancipar dos costumes e ideais tradicionais. (...) O ambiente político que ela promoveu, junto com He Xiangning, providenciou uma oportunidade sem par para mulheres radicais empreenderem uma transformação de gênero na ordem revolucionária.<sup>42</sup>

Com episódios de exílio (inclusive na URSS) e reclusão, sempre perseguida, ela se dedicou a trabalhos humanitários, como a Liga Chinesa dos Direitos Civis, tentando combater a repressão do governo de inspiração fascista de Chiang Kaishek. A partir de 1937, ela desenvolveu o socorro às populações civis, pois o número de refugiados não cessava de aumentar com a invasão japonesa.<sup>43</sup> Arrecadava fundos por meio de turnês de palestras no exterior e escritos.

<sup>39</sup> SMEDLEY, *Portraits of Chinese...*. Op. cit., p. 22-23.

<sup>40</sup> HAN SUYIN. *A mortal flower*. London: Mayflower Paperback, 1970, p. 62.

<sup>41</sup> SOONG, Op. cit., p. 243-63.

<sup>42</sup> GILMARTIN, C. K. *Engendering the Chinese Revolution*. Op. cit., p. 184.

<sup>43</sup> SOONG, Op. cit., p. 201-204.

Como Gipoulon o sublinha, não era fácil a mobilização de mulheres no sentido de seus próprios interesses na China desta época. “*Como em 1789 na França ou na metade do século XIX nos Estados Unidos, as mulheres se mobilizavam para outra causa, como salvar a China em perigo, se colocar a serviço da Revolução ou fazer ganhar a causa abolicionista.*”<sup>44</sup>

A independência de espírito de Song Qingling, sua coragem na defesa dos princípios defendidos junto com seu finado marido a levaram a enfrentar as forças reacionárias que reivindicavam a mesma herança política de Sun Yat Sen. Chiang Kaishek (seu cunhado) empregou, em vão, contra ela todos os meios: sedução, intimidação, calúnia, isolamento (fazendo desaparecer colaboradores e amigos).

Ignorando os riscos a sua própria segurança, Song Qingling não parou de clamar sua discordância. Trabalhava no sentido que lhe parecia justo: salvar presos políticos; denunciar os crimes da polícia política; encorajar a resistência ao invasor japonês; organizar a ajuda aos refugiados ou fundar oficinas para empregar mulheres sem apoio familiar. Em pleno regime de terror, agosto de 1933, ela não hesitou em declarar ao *New York Herald Tribune*:

Se Dr Sun estivesse vivo hoje, ele desaprovava esse Guomindang e ordenaria sua dissolução, para não ver seu nome ligado à administração de militaristas feudais. Ele não poderia, em hipótese alguma, aprovar esse massacre inútil de camponeses e patriotas chineses, sob pretexto de combater o comunismo, enquanto nada é empreendido contra os japoneses que anexam cada vez mais territórios no Norte.<sup>45</sup>

A partir de 1945, ela agiu através do Fundo Assistencial Chinês, em colaboração com comunistas. Com a proclamação da República Popular, tornou-se membro da Conferência Consultiva do Povo Chinês e ocupou o cargo de vice-presidente da República, assim como várias funções em órgãos políticos e de assistência às crianças e às mulheres. Helen Snow a descreve assim:

Ela se tornou uma figura altamente romântica num mundo feio, de labuta, e ela era consciente disso. Ela se erguia como um farol de integridade e fé no futuro, no meio da tempestade e escuridão. A política na China era certamente feia e ela não se distanciava dela, mas se mantinha no meio do combate. (...) Essa senhora, educada nos EEUU, criada na fé protestante, cujo pensamento era de inspiração marxista e maneiras confucianas, (...) personificava e simbolizava, no prazo de uma vida, a passagem da China de 40 séculos de feudalismo ao socialismo. (...) Ela se tornou a consciência da China.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> GIPOULON, L. “intellectuel” au féminin. Op. cit., p. 167.

<sup>45</sup> SNOW Edgar. She fights for China's masses. *New York Herald Tribune*. Aug., 6, 1933. SNOW, H.F. *Women in Modern China*. Op. cit., p. 147.

<sup>46</sup> Idem, p. 157 e 121.

### Soviets e áreas libertadas: Ding Ling (1904-1986)

Do lado comunista – já que a guerra civil de fato nunca parou de 1927 a 1949 – a mobilização dos camponeses pobres constituía a base de sua força. A Reforma Agrária contemplava, desde a época inicial, um passo no sentido de sua emancipação, inclusive das mulheres que recebiam seu lote. Suas instâncias locais – Associação dos Camponeses Pobres e União das Mulheres – davam forte base de apoio ao Exército Vermelho e garantiam seus sucessos contra os senhores da guerra ou os japoneses. No entanto, havia instâncias em que dificuldades surgiam. Assim, quando uma

União das Mulheres concedeu o divórcio à esposa de um camponês, os membros da União dos Camponeses, ou seja, em torno de mil homens, começaram a mandar suas esposas de volta às suas respectivas famílias (antiga forma de divórcio), a título de greve contra a nova União das Mulheres. Finalmente, esta teve que persuadir a ‘divorciada’ a voltar para a casa de seu marido.<sup>47</sup>

As jovens, elemento fundamental na produção e apoio ao esforço de guerra, tinham pressa em conquistar sua liberdade frente à opressão conjugal, o que S. Leith interpreta como a percepção da opressão sexual tendo a primazia sobre a opressão econômica. Por outro lado, sublinha Anna Louise Strong: “*Era difícil, para um camponês, conseguir uma esposa e, muitas vezes, ele pagara muito caro por ela, embora fosse contra a vontade dessa última.*”<sup>48</sup> Para as autoridades, devia se garantir a liberdade de casamento e divórcio, mas não se podia ignorar o ponto de vista dos maridos, combatentes efetivos ou potenciais (embora a maioria do exército seja composto de solteiros, segundo seus comandantes). De qualquer modo, o mais importante era preservar a unidade de ação e de pensamento entre os camponeses, homens e mulheres.

Foi nesta frente interna que Ding Ling manifestou sua constância feminista, mas também por isso sofreu pressões e reveses por parte dos companheiros do partido. É conhecida sobretudo pela sua obra literária que foi celebrada em vários momentos. Como o escreve Tani Barlow: “*Ding Ling foi uma das poucas mulheres do movimento que situou o problema de ser mulher no centro de sua ficção. Suas narrativas estavam relacionadas com um conjunto de obras literárias que se ocupavam do ‘problema da mulher’.*”<sup>49</sup> A autora acrescenta uma ideia que ilustra os embates que afetavam todas as figuras aqui evocadas, inclusive na área do jornalismo: “*nunca renunciaram a sua ideia de que a literatura transmitia verdades sociais. Tudo isto, associado ao*

<sup>47</sup> Idem, p. 136-7.

<sup>48</sup> STRONG, Anna Louise. *China's Millions*. Revolution in Central China 1927. Peking: New World Press, 1965, p. 115.

<sup>49</sup> BARLOW, Tani E. *The Question of Women in Chinese Feminism*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

*internacionalismo progressista do período, permitiu que os novos escritores adquirissem um enorme poder*”.<sup>50</sup>

A primeira obra de Ding Ling que ganhou certa fama foi *O Jornal de Sofia* (1927).<sup>51</sup> O romance *A inundação* constitui também um marco na literatura proletária chinesa. Ativista política desde a adolescência, ela era casada com o poeta comunista Hu Yepin (executado em 1931). Conseguiu fugir da repressão com seus filhos (com dificuldades terríveis retratadas por Smedley). Sua prisão pela polícia de Chiang Kaishek causou um incidente internacional promovido por Song Qingling para obter sua libertação. Ela permaneceu encarcerada por três anos.

Nas zonas libertadas, ela trabalhou na área de cultura (literatura e teatro) e propaganda, o que foi considerado como uma mutação do feminismo revolucionário da época inicial para aquele que se enquadrava nos moldes determinados pelo PCC, particularmente a partir de 1942. Tani Barlow resume a política oficial de reconciliação das aspirações feministas com o socialismo: “*A práxis revolucionária elimina as barreiras superficiais de gênero porque os homens e as mulheres são irmanados quando realizam juntos um trabalho nacional - não doméstico*”.<sup>52</sup> O que Strong resumiu em termos sem ambiguidade:

Não tenho competência sobre as tendências literárias; fiquei seis meses na frente de batalha. Mas tenho uma opinião clara a respeito do dever do escritor. Só há uma tarefa hoje: ajudar a salvar o país. Não precisamos nos perder em teorias literárias. Devemos apenas escrever para mobilizar as massas.<sup>53</sup>

Neste sentido, nos dez anos do “período de Yanan” (1937-1947), foi definido o modelo de “*cultura socialista característica do comunismo chinês. Entre os intelectuais, os estudantes de classe média, refugiados, os escritores e artistas, e os teóricos do partido que passaram os anos de guerra nas regiões-fronteira surgiu uma ética*.”<sup>54</sup> Os intelectuais eram chamados, além de outros deveres (produção, por exemplo), a promover por meio de suas competências artísticas a ampla mobilização de populações extremamente pobres, no sentido de um engajamento político com riscos terríveis. O teatro, a dança, a música eram utilizados, além de cartazes e pichações nos muros das aldeias. O Grupo de Teatro da Frente, por exemplo, havia se apresentado, em poucos meses, a 80.000 pessoas, geralmente camponeses, muitas vezes, soldados. “*Eles gostavam de nos*

<sup>50</sup> BARLOW, Tani E. Feminismo, revolución y literatura en Ding Ling. *El Diario de la señorita Sofia*. Barcelona: Bellaterra, p. 3

<sup>51</sup> DING LING. *Miss Sophia's diary and other stories*. Beijing: Paula Books, 1985.

<sup>52</sup> BARLOW, T. Feminismo, revolución y literatura en Ding Ling. Op. cit., p. 20.

<sup>53</sup> STRONG, Anna Louise. *One fifth of mankind*. China fights for freedom. New York: Modern Age Books, 1938, p. 159.

<sup>54</sup> BARLOW, T. Feminismo, revolución y literatura en Ding Ling. Op. cit.

*ver porque dramatizávamos sua própria vida. Vivíamos como soldados comuns, sem muita comida, andando a pé.*<sup>55</sup>

Strong descreve a situação de um destes espetáculos com 700 a 800 soldados como público em palco improvisado. Os espectadores podiam se reconhecer nas personagens e situações que descreviam a vida na luta contra a invasão japonesa. Entre os vários estilos, o preferido do grupo de Ding Ling era aquele de cunho tradicional da região de Beijing, com o canto de baladas, acompanhado por tambores e instrumentos a corda. A mistura de melodrama de guerra com elementos de comédia surpreendeu a jornalista americana. Mas ela justificava esta opção, louvando os atores e enfatizando o quanto a guerra destruiu os centros da cultura, espalhando os autores e atores no campo onde buscavam refúgio. *“A arte é trazida de volta ao povo. Uma nova cultura se inicia nas províncias do interior.”*<sup>56</sup>

Era uma evolução marcada em relação ao movimento de 1919 em que a juventude chinesa descobria autores ocidentais e japoneses, quebrando a dominação absoluta dos clássicos chineses. No entanto,

Quando a Guerra irrompeu e abrangeu o país em larga escala, cada vez mais escritores de destaque colocaram suas penas a serviço do esforço de guerra. A literatura se tornou simples e recheada de eventos visando a mobilizar a população. Não tratava tanto das políticas imperialistas do Japão, mas descrevia os invasores em termos concretos, como ladrões e assassinos, queimando casas, estuprando mulheres. O tema era mais ‘Defendam suas famílias!’ do que ‘Resistam ao imperialismo!’<sup>57</sup>

Strong, firme defensora da União Soviética, pátria do realismo socialista, enfatiza a situação de perigo iminente e mortal que dá peso a sua argumentação. Ela mostra como artistas do mais alto nível tratavam de assuntos como “como ajudar os feridos” ou “como descobrir os traidores”,<sup>58</sup> obviamente de vital importância para todos, participantes, artistas e público.

A contenda que viu a primeira condenação de Ding Ling pela cúpula do PCC ocorreu por ocasião da publicação em 09.03.1942 de seus “Pensamentos sobre o 8 de março”,<sup>59</sup> em que ela criticava certos fenômenos ocorrendo na vida do partido, particularmente no que dizia respeito às relações entre os sexos, argumentando da necessidade de ter espaços onde debatê-los.<sup>60</sup> A resposta da direção foi rápida e radical, num

golpe político de grande precisão, Mao reformulou temas: o equilíbrio adequado para os dirigentes do partido entre a pessoa pública e as práticas privadas; a política cultural frente a estruturas de autoridades estáveis; a direção correta para conduzir a reforma do casamento e do divórcio; a

<sup>55</sup> STRONG, *One fifth of mankind*. Op. cit., p. 158-9.

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> Idem, p. 157.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> *New Left Review*, no. 92, July-August 1975.

<sup>60</sup> BARLOW, T. Feminismo, revolución y literatura en Ding Ling. Op. cit, p. 28.

política separatista ou integracionista a respeito do trabalho com as mulheres. Não se tratava de questões a debater e flexíveis da política cultural, mas questões inflexíveis sobre a representação literária correta ou incorreta.<sup>61</sup>

Embora protegida pela sua amizade dos tempos de juventude com Mao, o que não aconteceria novamente, Ding Ling continuou a trabalhar, mas de forma mais ortodoxa, no diário *Libertação*, inclusive na época da Reforma Agrária. Seu grande livro, *O sol brilha sobre o rio Sanggan*,<sup>62</sup> recebeu o Prêmio Stalin em 1951. A partir de 1949, ocupou vários cargos oficiais, até que caísse vítima de campanhas de retificação, “*esquecidos seu prêmio Stalin e suas fidelidades reafirmadas, banida para uma fazenda de fronteira de Heilongjiang*.”<sup>63</sup> Expulsa do PCC, em 1958, a pior provação veio na Revolução Cultural, embora fosse reabilitada em 1979.

No entanto, como o sublinha Barlow, na fase mais recente da direção do PCC (a partir da ascensão renovada de Deng Xiaoping) houve uma reviravolta: “*Em 1983, quando a facção reformista do partido sugeriu que o texto considerado infame de Mao Zedong Conversações de Yan'an não havia dito tudo sobre a literatura chinesa, parecia deixar válida a postura de Ding Ling em 1942.*”<sup>64</sup>

Talvez este desenlace prove, mais uma vez, que o debate entre revolução e feminismo continue até hoje, na China como nos outros países. Os embates, as difíceis decisões quanto a prioridades e delimitações de âmbitos apropriados – seja em termos ambientais, de classes, ou de gênero etc. – ou mesmo escalas de lutas permanecem no horizonte das novas gerações. Talvez o exemplo e sucesso das ‘mulheres de ferro’, feministas revolucionárias chinesas aqui evocadas possa servir-lhes, senão de modelo, pelo menos de inspiração, no enfrentamento de dificuldades aparentemente insuperáveis para conseguir uma vida melhor para mulheres e homens.

Artigo recebido em 31.3.2017

Aprovado em 12.5.2017

---

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> TING LING. *Sol sobre o Rio Sangkan*. Rio de Janeiro: Vitória, 1956.

<sup>63</sup> SPENCE, J. *Em Busca da China Moderna*. Op. cit., 541.

<sup>64</sup> BARLOW, T. Feminismo, revolución y literatura en Ding Ling. Op. Cit., p. 32.